

REFLEXÃO SOBRE O USO DA PONTUAÇÃO EM TEXTOS DE MÍDIA IMPRESSA

Anderson Cristiano da Silva¹, Miriam Bauab Puzzo²

¹Universidade de Taubaté/Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação – Depto. De Ciências Sociais e Letras - Programa de Pós-graduação em Lingüística Aplicada, Rua José Benedito Calil, 60, Jd. São Vicente, CEP 12.224-340 – São José dos Campos – SP, andcs23@ig.com.br

²Universidade de Taubaté/Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação – Depto. De Ciências Sociais e Letras - Programa de Pós-graduação em Lingüística Aplicada, Rua Visconde do Rio Branco, 210, Centro, CEP 12.020-040 – Taubaté – SP, puzzo@uol.com.br

Resumo – O objetivo deste artigo é discutir a importância dos efeitos de sentido que os sinais de pontuação podem provocar no texto noticioso de jornais impressos de grande circulação. As ausências, trocas ou colocações indevidas da pontuação criam efeitos de sentido, nem sempre perceptíveis pelo redator (DAHLET, 2006). O referencial teórico para atingir tal objetivo é o da Análise do Discurso (BRANDÃO, 2002) e o método de pesquisa (AMORIM, 2003) consistirá na leitura de documentação indireta do *corpus*. Sobre outra perspectiva, tal análise pretende demonstrar, corroborando com pesquisas já iniciadas (LOPES-ROSSI, 2001), uma abordagem produtiva para o ensino e aprendizagem da pontuação, numa proposta diferente das que são praticadas em gramáticas normativas e livros didáticos. Vislumbramos, a partir destas reflexões, contribuir para utilização didática mais consistente sobre o emprego da pontuação, levando futuros docentes à compreensão mais profunda e crítica desse tema em textos do cotidiano.

Palavras-chave: pontuação, sentido, texto, mídia, discurso.

Área do Conhecimento: VIII – Lingüística, Letras e Artes.

Introdução

Observando os efeitos de significação que o emprego da pontuação pode causar no discurso, podemos verificar que muitos textos da mídia impressa, apesar de terem aparatos de revisão, acabam chegando ao leitor com pontuações inadequadas que dão margem a várias interpretações, as quais não eram intencionadas pelo autor.

A análise da pontuação através de textos de mídia impressa justifica-se pela importância deste meio, *pois oferece um material bastante rico para investigação da linguagem e seus efeitos de sentido* (PUZZO, 2007). Se considerarmos que os textos impressos de ampla circulação têm grande influência na formação de opinião e também como referência de língua padrão, temos que refletir se realmente o assunto que está sendo abordado tem um único sentido (o sentido referencial proposto pela mídia impressa), neste aspecto a pontuação tem grande importância.

Estas informações vêm contribuir na escolha do tema como objeto de estudo, pois este é um caso que vem sendo pouco estudado em comparação a outros temas, como é o caso de gêneros discursivos. Ao contrário das associações puramente sintáticas com o emprego da pontuação, tentaremos mostrar novas abordagens tomando como referência pesquisadores da área (LOPES-ROSSI, 2001), (DAHLET, 2006).

A despeito das reflexões sobre a utilização da pontuação nos textos, abordaremos a concepção de texto advinda das idéias de Bakhtin (1991),

além de seu papel comunicativo (MAINGUENEAU, 2001) nas mídias impressas (CHARAUDEAU, 2006).

A relevância das mídias impressas

Refletir epistemologicamente a importância da pontuação como um dos fatores iniciais para construção do sentido é um tema de extrema relevância, pois funciona como organizadora do pensamento dentro dos suportes de diversos gêneros em circulação.

As idéias apresentadas por Puzzo (2007) vêm ratificar a predileção por este trabalho de tomar a mídia impressa como objeto de estudo. A autora afirma que *a mídia impressa oferece um material bastante rico para investigação da linguagem e seus efeitos de sentido*.

O que se pode notar com essa discussão a baixa relevância dada a este assunto. Podemos concluir, num momento em que os gêneros discursivos estão sendo muito discutidos e aprimorados, a pontuação, por fazer parte intrínseca deste processo, também deveria ser mais valorizada.

Dentro de sua materialidade lingüística, a pontuação tem papel de destaque, pois na constituição dos gêneros, acabamos fazendo uso de diversos tipos de pontos. No que tange às reflexões de Puzzo (2007), a pontuação, quando bem empregada, evita ambigüidades ou desvios de leitura, além de representar um importante recurso de interpretação textual.

Linguagem como fenômeno social

No que tange ao tema desta pesquisa sobre os efeitos de sentido causados pela ausência ou emprego de determinada pontuação, faz-se necessário o entendimento científico do texto e principalmente do gênero discursivo, tendo em vista as propostas comunicativas do locutor ou enunciador. Também podemos considerar que é no discurso impresso que a pontuação se materializa como constituinte de efeitos de sentido.

Em suas reflexões, Bakhtin (1992) acaba trazendo uma nova perspectiva na concepção da língua, pois a relaciona em todas as esferas da atividade humana. O autor afirma que *a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana*.

Bakhtin (1992) diferencia os gêneros quanto à diversidade funcional que apresentam, pois classificá-os em dois grupos: gênero discursivo primário (simples) e gênero discursivo secundário (complexo). De acordo com autor, os gêneros secundários são textos mais complexos, nos quais as condições de produção e circulação são relativamente mais evoluídas num contexto escrito, já os gêneros primários abarcam situações de comunicação verbal espontânea. Dentro desta visão, os gêneros de texto opinativo seriam classificados como sendo de natureza secundária, pois as condições de produção e circulação abrangem uma complexa rede de enunciados escritos.

Esta atitude dialógica pode ser considerada em ambos os casos: tanto na ação verbal oral, em que os falantes estão presentes, como no caso do discurso escrito em que os interlocutores estão separados por um suporte de comunicação. Em ambos os casos, há uma complexa rede de comunicação, pois as vozes verbais constitutivas de ambos os sujeitos se entrelaçam para dar sentido ao enunciado.

A propósito, podemos pensar no gênero de texto opinativo que tem grande circulação na sociedade e é passível de inúmeras interpretações: primeiro pelo emprego ambíguo de determinados termos, segundo pela interpretação de possíveis leitores, também podemos inferir que as escolhas de pontuação influenciam da mesma forma na compreensão do sentido.

As idéias apresentadas por Bakhtin (1992) vêm corroborar para uma visão menos ingênua do enunciado, pois considera os aspectos sócio-histórico-ideológicos na tessitura de enunciados existentes. Nestes termos, a pontuação tem que ser considerada como fator relevante, pois é um fator fundamental na disposição dos enunciados presentes dentro de um texto escrito.

A função comunicativa dos textos

Analisar textos de comunicação é uma atividade complexa, pois requer um embasamento teórico cuja finalidade é proporcionar uma visão crítica de possíveis leitores. Essa habilidade deveria ser uma característica de todo leitor, principalmente de educadores de língua materna.

Desta forma, refletir sobre os textos comunicativos de mídias impressas faz-se necessário para compreensão de qualquer abordagem lingüística.

Sob a perspectiva da análise do discurso de linha francesa, Maingueneau (2001) considera os textos de comunicação como atividades enunciativas e explicita a contemporaneidade do assunto numa abordagem do texto enquanto discurso (BRANDÃO, 2002).

Os textos comunicativos são discursos interativos e, como tais, são ações verbais que utilizam os sinais de pontuação para sua organização. Esta atividade interativa deve ser considerada, mesmo quando os interlocutores não estão próximos, pois os suportes de informação permitem que muitas pessoas tenham acesso à mesma informação.

A manifestação material do discurso dá-se através de um suporte para sua difusão, que é denominada mídia. De acordo com as informações de Maingueneau (2001), o discurso é manifestado por diferentes meios, e o meio impresso tem características próprias.

O discurso nas mídias

A função social da mídia já é uma informação de senso comum, mas no que tange a uma perspectiva epistemológica, há necessidade de compreensão de seu caráter quanto ao poder de informar ou comunicar, que por sua vez está intrínseco na formação identitária do cidadão.

Sobre as afirmações acima, está o jogo de manipulação dos signos que podem construir significações diversas sobre determinados assuntos, e estes podem influenciar na formação de um grande número de pessoas, tendo em vista o poder social de circulação do texto.

Conforme as afirmações de Charaudeau (2006), vivemos em um ambiente, no qual a circulação de diferentes textos nas várias esferas comunicativas é essencial na constituição de opiniões, mas há que se considerar a complexidade do sentido social, em que os gêneros de mídia impressa atuam.

Muitos definem a mídia como um *quarto poder* (grifo nosso), pois ao mesmo tempo em que é um espaço democrático de comunicação é também um lugar no qual há um instrumento de manipulação que pode ser usado a favor ou contra determinado segmento.

Sob o olhar das ciências humanas, o discurso das mídias é a materialização lingüística dos enunciados em determinadas condições de produção do sentido, nessa complexa rede de enunciação. Há de se considerar a relação com público em que determinado discurso é escrito para atingi-lo. Charaudeau (2006) ratifica esta idéia, quando indaga sobre a correspondência de sentido no ato de comunicação em que os efeitos enunciados não são atingidos, visto não existir um receptor ou leitor ideal.

Segundo Charaudeau (2006), o ato de comunicação é baseado na troca de duas instâncias: de produção e de recepção. Como o próprio autor afirma, o resultado do ato comunicativo depende das intenções que se estabelecem entre estas duas instâncias.

Ao analisarmos, num primeiro momento, as idéias de Charaudeau (2006) sobre o lugar das condições de recepção, podemos notar que o alvo da comunicação é um ser idealizado, i.e., um destinatário ideal.

De acordo com os pressupostos da Análise do Discurso, não há um sujeito único e muito menos livre de ideologias, há sim, como próprio Charaudeau (2006) afirma um *receptor real, o público, a instância de consumo da informação midiática, que interpreta as mensagens que lhe são dirigidas segundo suas próprias condições de interpretação.*

Na perspectiva destas afirmações, a pontuação torna-se um elemento de extrema importância na construção de significados, tendo em vista a necessidade da colocação de sistemas icônicos que possibilitem o sentido desejado, mesmo com a expressiva heterogeneidade de sujeitos.

A interpretação é um fenômeno social, e como tal deve ser analisado com critério, pois abarca a linguagem manifestada dentro de um determinado gênero em situação de comunicação. Nesta esfera, temos que ter clara a noção de sujeito citado até aqui.

Mesmo quando se tenta fazer um texto transparente, o resultado desta atividade não é absoluto, pois a escolha do léxico e da própria pontuação já denota um tipo de posicionamento frente a determinado assunto, pois somos seres de linguagem e como tais, estamos submetidos às ideologias e também atravessados por diferentes vozes, o que nos constitui como sujeitos heterogêneos (BRANDÃO, 2002).

Pontuação: importância no sentido dos textos

Conforme as afirmações de Dahlet (2006), temos que observar os processos que levam ao uso de determinados sinais de pontuação. O que está em discussão, não são as regras dos manuais, mas sua análise enquanto atos de comunicação.

De acordo com a abordagem da autora, o que está em jogo no tocante ao uso dos pontos não é sua função, mas determinações que fazem com que seja possível a colocação de um determinado ponto. Suas idéias ficam claras quando a autora (DAHLET, 2006) diz que, seja a frase brevíssima ou muito extensa, é necessário observar o sentido completo do enunciado.

Dahlet (2006) apresenta dois exemplos retirados da *Folha de S. Paulo* que deixam estas definições claras, ilustrando a elasticidade da frase. No primeiro exemplo, traz a frase numa prática minimalista e, no segundo, remete a uma prática do maximalismo, que faz do texto uma frase só:

Exemplo 1

[O título da matéria é “Brasil do B”]
Brasília – Brasil bacharel. Biografia bordada, brilhante. Bom berço. Bambambã. Bico bacana, boquirroto. Bastante blábláblá. Baita barulho. Bobagem, besteira, blefe. Batente banho-maria. Bússola biruta. Baqueta bêbada. [...] F. S. P., 15.06.00 (DAHLET, 2006, p. 132).

Exemplo 2

SER BRASILEIRO é crer que governar o Brasil é fácil, entregar dois mandatos ao iluminado que pronunciou a tese e descobrir que ele se encontrava em estágio de treva mental, é observar os PhDs do Planalto e quedar-se tranqüilo, imaginando que têm os pés no chão, é olhar novamente para os sábios do palácio [...], é lembrar da previsão certa de que o PIB crescerá mais de 4% em 2001, refazer as contas e concluir que, sendo 4% x inépcia + empulhaço-
apagão = ladeira abaixo, as chances de um ficcionista do governo ser mandado à raiz cúbica de pi dividida pela soma do quadrado dos catetos aumentaram em 100%. F. S. P., 10.06.01 (DAHLET, 2006, p. 132).

Nos exemplos abordados acima, podemos notar a intencionalidade dos textos opinativos através da pontuação.

No primeiro exemplo, notamos um tom crítico-irônico através da construção de períodos curtos, marcados pelo ponto final e pela escolha do léxico, marcando uma imagem negativa do Brasil através dos nossos governantes.

Observa-se também no primeiro exemplo, o emprego de frases nominais, que foge ao padrão de texto opinativo, cuja estrutura se apóia na lógica racional do período, ou seja, sujeito – verbo – complemento, bem como no sistema de subordinação.

Já no segundo exemplo, uma construção longa, em um único e grande período, só é possível entender o tom irônico do texto através das informações intercaladas, marcadas pelo auxílio da vírgula.

Discussão produtiva no uso das vírgulas

Sobre outro aspecto da pontuação, Dahlet (2006) discorre sobre a utilização da vírgula. Sobre o caso específico desta pontuação, a autora faz uma análise de diferentes teorias gramaticais, as quais trazem em geral a definição de pausa, porém Dahlet (2006) afirma que “é contraditório o fato de referir ao conceito de pausa, cujo domínio de aplicação é o registro falado, quando trata-se da pontuação, cujo domínio é por natureza o da escrita”.

Nesse sentido, além da função de *separar*, atribuída à vírgula, a autora descreve outras funções encontradas em sua análise, como: isolar, assinalar, mostrar, marcar entre outras. Há, no entanto, a concepção de sua função ser uma só: a de segmentar, conceitua a autora. Ela também afirma que a vírgula é a pontuação de seqüência mais complexa.

Dahlet (2006) explicita que as gramáticas consultadas tendem a enumerar de forma aleatória as funções da vírgula, devido aos numerosos casos, cria-se uma sensação de confusão ao tentar entendê-los.

Segundo a autora, a função clara da vírgula é separar, porém sua função não se limita a isso, justifica. De modo geral, ao separar segmentos da cadeia escrita, ela ativa outras operações sintáticas, que podem se resumir nas seguintes ocorrências: *adicionar, subtrair, inverter*.

Outros autores também trabalham com este tipo de concepção. Numa outra abordagem, Lopes-Rossi (2002) faz uma revisão sobre o emprego da vírgula.

A autora discorre sobre os casos mais freqüentes de colocação da vírgula, trazendo de forma produtiva os seguintes casos: antecipação, intercalação e enumeração de elementos, que tem como referência a ordem canônica da frase em português (sujeito, verbo, objeto).

Há, no entanto, casos em que a vírgula pode ser substituída por outros sinais de pontuação, porém a pessoa tem que saber e dominar a colocação de outras pontuações. Luft (1998) afirma não ter nenhum problema nesses casos, pois significam intenções de efeito.

Podemos intuir que em muitos casos, uma pontuação pode ser substituída por outra, mas isso só é possível de acordo com as intenções do sujeito discursivo, o tipo de suporte utilizado para o texto, além das questões de circulação deste texto.

Conclusão

Podemos constatar, pautados pelas reflexões de Puzzo (2007), que nos textos de mídia impressa não existe uma objetividade absoluta, pois dentro de um contexto sócio-histórico-ideológico em que as palavras estão inseridas, há possibilidades de múltiplos sentidos, que podem revelar traços de subjetividade.

Sob esta perspectiva, a pontuação também acaba contribuindo como fator de diversidade na construção destes sentidos, principalmente nos casos em que seu emprego pode ser intercambiável com outros sinais, tais como o ponto-e-vírgula ou o ponto final.

Referências

- AMORIM, Marília. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, Maria Teresa; SOARES, Solange Jobim; KRAMER, Sonia (Org.). **Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez Editora, 2003, p.11- 25.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 8ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- DAHLET, Véronique. **As (man)obras da pontuação: usos e significações**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- LOPES-ROSSI, Maria A. G. **O emprego da vírgula no português a partir de reflexões sobre a organização estrutural das frases: possibilidades e desafios**. Comunicação apresentada no XLIX Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo – GEL, Marília, 24, 25 e 26 de maio de 2001.
- LUFT, Celso Pedro. **A vírgula**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.
- PUZZO, Miriam Bauab. A pontuação nos textos informativos: informação e constituição de sentido. In: SILVA, E. R. da; UYENO, E. Y; ABUD, M.J.M. (Org.). **Cognição, Afetividade e Linguagem**. Taubaté: Cabral Editora, 2007, p. 123 – 146.